

FATIMA • 50

Ano III-Nº 33

13/Janeiro/1970

INTERNATIONAL
PL.





Coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima no pequeno santuário que lhe é dedicado em Heliopólis (Cairo)

DEPÓSITO LEGAL
- 0. JAN 1970



FÁTIMA-50

INTERNACIONAL

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA

Ano III - N.º 33-13 Janeiro 1970

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção: MÁRIO DE FIGUEIREDO

NESTE NÚMERO: Fátima e a instrução religiosa das crianças: 4

Notícias de Fátima: 9

Nótulas de Geografia Humana: 12

O "Milagre do Sol" em Fátima: 21

Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA • Telef. 97468

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

FÁTIMA

e a

instrução religiosa
das

CRIANÇAS

Cón. C. BARTHAS

Parecerá estranho à primeira vista que procuremos na Mensagem da Fátima ensinamentos que interessem a pastoral, a atitude prática dos pastores para com as almas que lhes estão confiadas: a mais delicada e a mais difícil de todas as artes *ars artum regimen animarum*.

Talvez aí não encontremos conselhos directamente endereçados aos sacerdotes e aos educadores, mas nós sabemos que as lições de uma manifestação marial não jorram apenas das palavras da visão mas de todo o conjunto em que se enquadram, das milhentas circunstâncias providenciais em que se dão.

Se, na Fátima, Maria se não dirigiu directamente aos responsáveis pela evangelização, a maneira como Ela agiu para com os pastorinhos é um xemplo que facilmente se pode transformar em lição. Animam-nos fortemente a fazê-lo os magníficos frutos de santificação que Ela conseguiu dos seus dóceis mensageiros.

Vejamos antes de mais como estes exemplos nos podem ajudar a resolver os três principais problemas que a actual catequese levanta em relação à instrução das crianças: a da idade em que deve começar a sua instrução, o da linguagem que se deve empregar e o do exercício da memória no estudo das orações e da doutrina.

I — A questão da idade

Põe-se realmente o problema da idade em que se deve falar de Deus às crianças pelas quais somos responsáveis? É com efeito desde o principio do desenvolvimento de seu espírito que uma criança pode ser iniciada na vida cristã e que nós a devemos iniciar.

O céu tomou os mensageiros da Virgem numa idade **minimum** porque a intérpretes de idade demasiado tenra teria sido impossível fazer-se ouvir.

Jacinta tinha 6 anos apenas, por ocasião da primeira aparição do Anjo; seu irmão tinha mais dois e a prima mais três. Mas todos estavam já iniciados; sabiam orar, conheciam as três fórmulas de oração para o terço (o Credo, o Pai Nosso e a Ave Maria) e ainda a pequena oração ao Santo Anjo da Guarda que todas as manhãs rezavam ao saírem com o gado para a pastagem.

As duas mães Maria Rosa e Olímpia não estavam à espera da idade do catecismo para ensinarem aos filhos as orações e as principais verdades da fé.

A SSma. Virgem foi buscar os mais novos de duas famílias de fé viva onde os filhos a respiravam com o ar da serra d'Aire. É por isso que eles compreendem imediatamente as expressões de que o Anjo se serve: crer, adorar, esperar em Deus, amá-IO, pedir-Lhe perdão, pecadores, SSmos. Corações de Jesus e de Maria, conversão dos pecadores, Trindade, Divindade, sacrilégio, etc. No ano seguinte Nossa Senhora também não terá necessidade de lhes explicar as palavras purgatório, blasfémia, comunhão reparadora, nem o sentido simbólico dos espinhos que cercam o Seu Imaculado Coração.

Porque deveriam os pais duma criança baptizada esperar pela idade da Jacinta para lhe falar das coisas do Céu e encaminhar os seus pensamentos para o alto?

Desde que começa a ter consciência, a criança compreende, mais pelo coração do que pela razão, que o Filho de Deus a amou até se tornar, por amor, uma criança pequenina como ela.

Aos 4 ou 5 anos, a Jacinta foi capaz de inventar a expressão «Jesus escondido», para designar a divina presença na Eucaristia.

É bem conhecida a história maravilhosa de Nelly, a pequena violeta do SSmo. Sacramento, que pôde comungar aos dois anos de idade. Muitos outros casos semelhantes levam-nos a pensar que, em geral, os educadores não estão suficientemente instruídos sobre o precoce despertar da razão. Ainda bem que os psicólogos e os pedagogos se voltam cada vez com mais interesse para este assunto tão importante e é indispensável que as famílias e os pastores, com cura de almas, estejam em dia com estes estudos.

O padre Pedro Caillon, professor no Seminário Maior de Sées, resumiu as observações dos especialistas num opúsculo que se deveria difundir pelos lares cristãos para os convencer de que, sobretudo as mães, devem pensar a sério no futuro cristão dos seus filhos desde o alvorecer das almas que o Senhor lhes confiou, em última análise, logo desde o dia do seu baptismo, o dia em que na alma do recém-nascido foi infundida a virtude sobrenatural da fé. Todas as mães devem saber que o futuro do seu filho pode depender das impressões que ele, antes dos quatro anos, tiver recebido do ambiente em que vive (1).

— Que é que uma criança normal faz para aprender a falar?

— Aprende a falar, ouvindo os outros a falar à volta dele e com ele.

— O que é que se deve fazer para ensinar uma criança a orar? — Orar diante dela e com ela.

Os surdos-mudos não falam porque não ouvem. Podemos ensiná-los a falar desde pequeninos mas é muitíssimo difícil. O sotaque regional ou nacional apanha-se instintivamente desde os primeiros anos, mas exige-se um esforço enorme para se falar como um estrangeiro.

O padre de Lubac escreveu: «Há analogia e proporcionalidade entre o aprender a falar e a aprendizagem da fé.»

O sentido de Deus é inato em todo o ser humano: mas, se a criança não recebe a tempo a necessária educação, pode dar-se que fique toda a vida alheio a toda a forma de oração. Talvez mais tarde se venha a converter mas só por uma graça extraordinária.

Deus gosta mais de conceder as Suas graças pela via natural — a da família.

Os padres do II Concílio do Vaticano recordaram esta verdade na **Declaração sobre a educação cristã**, n.º 3. Cfr. ainda **Decreto sobre o Apostolado dos leigos**, n.º 11.

São conhecidos os estudos de Maria Montessori a respeito desta matéria. Para ela, os quatro primeiros anos são decisivos. São o que ela chama «a idade do espírito absorvente». Muitas coisas que, dantes, se atribuíam à hereditariedade, são de facto devidas à marca dos primeiros anos.

Na escola que, em Rennes, tem o nome dela, a entrada é com dois anos o máximo. É na escola que a criança recebe a sagrada comunhão e a Confirmação à volta dos cinco anos (2).

Nossa Senhora, na Fátima, veio confirmar este ensinamento, com escolher os filhos mais novos de duas famílias nas quais jamais se discutia a vida religiosa e nas quais se consideravam sagradas as leis de Deus e da Igreja. Os mais novos aprendiam as verdades da fé pela palavra e pelo exemplo dos pais e dos irmãos mais velhos.

Como muitos pais pelos seus poucos conhecimentos e pelas suas ocupações se dizem incapazes de ensinar aos filhos a não ser as orações elemen-

tares, devemos recorrer às que hoje se designam por «mães catequistas» ou às «pré-catequistas». Muitas senhoras com grande instrução religiosa têm bastante tempo livre para receber ao menos uma vez por semana os pequenitos da sua vizinhança dos quatro aos sete anos. A fé vai arrefecendo em muitos lados porque a grande maioria das crianças antes de ir ao catecismo não vê ninguém a rezar.

II — O problema do vocabulário

Chega o momento de a criança ter de frequentar o catecismo na igreja, na escola, ou no colégio. Feliz dela se a família já a preparou para receber uma instrução mais metódica. Põe-se nesta altura — especialmente na nossa época de investigações na catequese — a questão da terminologia a adoptar.

A primeira regra da linguagem para falar a crianças é a simplicidade e a clareza.

Nossa Senhora, de cima da azinheira, fala aos pastorinhos numa linguagem muito simples ao alcance deles. A única vez em que Ela usou expressões fora do alcance deles foi na advertência solene do dia 13 de Julho: que deviam conservar o segredo na memória até ao momento de o tornar conhecido. Estas fórmulas «No reinado do Pio XI» e os «erros da Rússia» não diziam absolutamente nada ao espírito e ao coração destas crianças; mas, quando Lúcia, mais tarde, recebeu a ordem de comunicar este aviso ao Papa e ao mundo, estas palavras tornaram-se completamente claras.

A simplicidade deve cuidar de não prejudicar a exactidão, a precisão... A precisão exige que se conservem o mais possível os termos consagrados pela tradição para exprimir os divinos mistérios. Verifica-se hoje uma certa tendência para abandonar as palavras especiais, técnicas por assim dizer, sob pretexto de que a criança as não compreende.

Conheço livros para criança em que nunca se vêem as palavras adorador, mistério, Trindade, Encarnação, etc., que, no entanto, foram canonizadas pela tradição da Igreja que, segundo a promessa de Cristo, desenvolve a sua doutrina com a assistência do Espírito Santo.

A teologia, mesmo a elementar, como toda a ciência, tem necessidade de termos especiais e o primeiro cuidado de todo o mestre é explicá-los aos alunos logo à primeira vez que com eles se defrontem. Assim, aos principiantes que sabem fazer o sinal da cruz, é fácil fazer compreender que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três nomes de uma mesma realidade, Deus. Aos onze anos poderemos explicar-lhe que essas três pessoas formam uma só natureza ou Divindade. Quanto a aprofundar o como dessa união substancial das três pessoas, assim como a vida íntima que as funde nessa unidade suprema e misteriosa, é evidentemente pesquisa reservada aos teólogos.

Tomemos também o exemplo da palavra «encarnação». Suponhamos que uma criança de onze anos nunca a tenha encontrado; será tão difícil fazer-lhe compreender que esse termo em si mesmo significa «entrada na carne»? Se a criança frequente o catecismo de perseverança, reservemos para mais tarde dar-lhe a significação dos termos filosóficos de pessoa e de natureza. Ela aprenderá então facilmente o paralelo entre os dois grandes mistérios

divinos: no primeiro, três pessoas numa só natureza; no segundo, duas naturezas numa só pessoa.

Vi um catecismo de iniciação no qual, com lindas gravuras, se ensinava às crianças tudo o que Deus tinha criado, mas não encontrei nele uma frase para explicar o que Deus é em si mesmo, e com mais razão ainda a Sua Trindade; o que deveria ser indicado sumariamente a toda a criança que faz o sinal da cruz.

III — Exercício da memória

Estava eu a redigir estas páginas, quando recebi a visita duma avó, banhada em lágrimas:

— Que lhe aconteceu?

— Ontem à noite tinha em minha casa o meu neto de dez anos. Antes de o mandar para a cama, recomendei-lhe que se não esquecesse de rezar.

— Eu não sei rezar, avózinha.

— Então não vais à catequese?

— Vou, sim; mas não ensinam orações.

E, alguns dias depois, tinha eu conhecimento de facto análogo.

Parece efectivamente moda, em certos meios, ensinar as crianças a fazer apenas oração mental. — «Deus está contigo», dizem-lhe; diz-lhe tudo o que pensas». Ora é muito para rezear que, sem fórmula para exprimir o que pensam, em breve deixem de pensar seja em que for para apresentar dignamente ao Senhor. O próprio Jesus servia-se de salmos para se dirigir ao Pai, pelo menos, nos ritos da ceia pascal (Mat. XXVI, 30).

E, sobre a cruz, parece ter meditado nas profecias do salmo XXII, de cujo primeiro versículo se serve na sua última oração: «Eli, Eli, lamma sabachthni».

Será verdadeiramente possível ensinar a religião, mesmo o nosso cristianismo, sem ensinar fórmulas de oração, sem pequeno esforço de memória necessário para reter as grandes orações da Igreja?

A história conhece heréticos que condenavam de maneira absoluta a oração vocal. Abusavam da palavra do Salvador: «É em espírito e em verdade que devemos adorar (Jo. IV, 24). Decerto que a verdadeira oração é a do coração, a que exprime um sentimento, um pensamento; é certo ainda que a oração é um movimento da alma para o seu Deus, fonte de toda a vida da qual ela própria saiu. Mas a nossa alma não é um puro espírito como os Anjos; o Criador quis que ela não pudesse viver neste mundo fora dum corpo material. Os seus pensamentos, para que verdadeiramente existam, muito naturalmente devem «tomar corpo», materfializar-se nas palavras. Sòmente assim podemos exprimi-los, fazê-los sair da nossa alma. E isso não apenas para os comunicar aos outros, mas também para os ajustar, tornar mais vivos, mais activos no nosso espírito. É coisa sabida, por exemplo, que um sentimento se torna mais profundo quando é formulado verbalmente.

Nosso Senhor, em todo o Seu ensinamento, dá a prioridade ao espírito sobre a letra, e desaconselha a oração ostensiva como a dos Fariseus; mas Ele próprio quis ensinar-nos essa bela oração do Pai Nosso que exprime tão perfeitamente todos os sentimentos de uma verdadeira religião. A Igreja não traiu portanto o espírito do Evangelho, compondo as fórmulas da liturgia oficial a mais antiga das quais

é certamente o Pai Nosso, cuja recitação Ela, desde há séculos, impõe aos candidatos do Baptismo; e, já desde a origem, exigia o símbolo dos Apóstolos.

Na liturgia comunitária, a oração vocal é indispensável. Será concebível uma assembleia litúrgica muda? Então, porque recusar ao que reza sózinho, a utilização das fórmulas que pode recitar, quando unido com toda a igreja? Que razão pode dispensar as crianças baptizadas de recitarem as orações que os pais e os padrinhos tiveram de recitar para que elas se tornassem cristãs? E como recitá-las sem que as tenham aprendido?

O Anjo do Cabeço e Nossa Senhora não desprezaram a oração aprendida e recitada. Isto é evidente, em primeiro lugar, só pelo facto da insistência da Virgem na recitação do Terço. Além disso, nem o Anjo nem a sua Rainha se dedignaram de por si mesmos ensinarem novas fórmulas aos pastorinhos.

Seria a sua memória auxiliada por um socorro especial para reterem aqueles textos que, quanto à oração teologal, ouviram apenas três vezes, quanto à eucaristia, seis, e só uma vez quanto às orações pedidas por Nossa Senhora? Lúcia conta-nos que eles pronunciavam as orações do Anjo como de modo automático, ao mesmo tempo que ele, e ela assegura-nos de que as palavras do espírito celeste se lhes gravavam na memória de maneira indelével. Em seguida recitavam-nas tantas vezes e com tanto fervor que não era fácil esquecê-las. Repetindo-as, de joelhos, de frente por terra, a significação de cada frase gravava-se-lhes mais profundamente na alma e no coração.

Não obstante, sabemos que, aos quinze anos, Lúcia conservava no seu livro de orações dois pedacitos de papel nos quais tinha escrito a primeira letra de cada uma das palavras dessas fórmulas. Seria receio de as esquecer? Quanto ao longo discurso que constitui o grande aviso de 13 de Julho, certamente ela meditava-lhe os oráculos nas suas orações, o que permitia à sua memória conservá-los fielmente até ter sido autorizada a escrevê-los.

Não bastarão estes exemplos para nos libertar de todo o preconceito contra a utilização do esforço da memória na educação religiosa?

Aceitemos e sua necessidade ao menos pelo que diz respeito não só às orações correntes, às que compõem o terço, mas também às outras fórmulas tradicionais que, até agora, os nossos catecismos diocesanos indicavam para a oração da manhã e da noite, os actos de fé, de esperança, de caridade, os mandamentos da lei de Deus, etc.

Toma-se como pretexto que, por vezes, o esforço de memória fatiga inutilmente os cérebros juvenis, sem enriquecer o espírito nem desenvolver a inteligência. Sabe-se, contudo, que a memória tem grande importância em toda a vida activa. Como explicar, de outra forma, a abundância de anúncios publicitários em favor dos métodos imaginados para a desenvolver? Mas como desenvolver uma faculdade sem a exercer? Tal como a obediência fortifica e torna flexível a vontade, assim o esforço necessário para reter um texto desenvolve na memória a sua aptidão para armazenar, reter e recordar as noções e a sua expressão.

Creemos por isso que é impossível ensinar as verdades cristãs a crianças, para toda a vida, sem lhes fazer decorar a mínima fórmula doutrinal. Até agora os catecismos apresentavam a doutrina por

perguntas e respostas, o que não é de uso em outros manuais de que as crianças se servem nas escolas; podemos, pois, conceber outros métodos para ensinar a doutrina, mas parece-nos indispensável que a exposição da doutrina o mais simples e clara possível ponha à frente certas proposições principais que o aluno deverá reter de memória. Enquanto a fórmula ficar gravada na alma, a verdade expressa actuará sobre o consciente e o subconsciente do indivíduo.

Ai por 1960 visitava eu de tempos a tempos um velhinho, quase centenário, antigo cantoneiro e cego desde há muito. Um dia de inverno, encontrando-o sentado ao lume, perguntei-lhe como ocupava o tempo quando estava só, isto é, a maior parte do dia. Respondeu-me: «Digo as minhas orações». — O terço? — «Não, nunca tive esse hábito; recito o catecismo, ora uma lição, ora outra. Não me foi difícil verificar que, efectivamente, ele conseguia recitar qualquer página do catecismo que tinha aprendido aos onze anos. Poderia aquele homem perder a fé? Em cinquenta anos, e até antes, que ficará na memória (e no coração) das crianças que se instruíram por meio de folhas soltas ou pelo menos sem se lhes exigir que decorem nada, nem sequer as definições essenciais?

NOTAS

(1) Acaba de sair dos prelos o livro — **Uma criança de dois anos** de Pedro Caillon editado por Notre-Dame de la Trinité, 41 — Blois.

Vê-se aí o exemplo duma família checoslovaca do tempo em que era impossível toda a instrução catequética. Um filho desta família, aos cinco anos, sabia já contar perfeitamente as parábolas do Evangelho, confessar-se e preparar-se para receber a sagrada comunhão. O pároco atribui isto ao facto de os pais rezarem as orações da manhã junto do berço do pequenito, logo desde os primeiros dias de vida, apenas a mãe se pôde levantar. A criança não compreende nada, mas vê.

E, nestes lares que resistiram ao ateísmo oficial, a criança continua a respirar a fé, como respira o ar que o cerca.

O padre Caillon, ao felicitar um pequeno de quatro anos por ele falar bem, ouviu em resposta: «Tenho quatro anos: já sei dizer tudo.»

(2) Ver sobre este assunto um artigo da Vie Catholique n.º 1149. É conhecida também a teoria do padre Jousse que afirmava ter aprendido de cor os Evangelhos do domingo, quando era ainda muito pequenino, em virtude de a mãe lhe ir cantarolando enquanto lhe abanava o berço. Ele pensava que a criança aprende as coisas por «intussuspecção», uma espécie de conhecimento do coração. E aceitava como um princípio que o homem se constrói sobretudo antes dos 7 anos, representando aquilo de que é testemunha, isto é, imitando, sem reflectir no que está a fazer.



AS ATENÇÕES DO NOSSO SERVIÇO, NUNCA!

É verdade. Nas nossas carreiras, acontece muitas vezes a lotação esgotar-se. Claro que é mesmo um dos objectivos de qualquer companhia de transportes aéreos. Mas também é intenção permanente da nossa companhia, através do seu serviço de bordo, cumular de atenções os passageiros. Qualquer que seja o seu destino ou o tempo do percurso, a bordo de um avião da TAP o passageiro encontra sempre as atenções de que precisa. É claro que não nos referimos, apenas, ao conforto, às refeições e aos refrescos que se servem a bordo mas, também, a uma certa simpatia, um sorriso, um gesto, em suma atenções — as atenções do nosso serviço.

MARKA 11342
TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado.





Procissão
de despedida

A comunhão



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE DEZEMBRO

A peregrinação mensal de Dezembro efectuou-se dentro das características habituais do Inverno: celebração da missa dentro da Basílica para onde fora conduzida a imagem de Nossa Senhora. Às 10 horas, junto da Capelinha das Aparições, foi rezado o terço que os peregrinos, em número reduzido, acompanharam com muito fervor. Antes, desde manhã muito cedo, tanto na Capelinha como na Basílica foram celebradas missas em que oficiaram o reitor do Santuário e vários sacerdotes da Cova da Iria e outros que tinham vindo a Fátima para a peregrinação. Após a recitação do terço os servitas conduziram a imagem que se venera na Capelinha para a Basílica, incorporando-se na procissão algumas centenas de pessoas que encheram o templo. Presidiu às cerimónias, celebrando a missa oficial e pregando, o bispo auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão. Aquele prelado, na sua homilia, referiu-se

ao tempo litúrgico do Advento e disse que a vinda de Nossa Senhora à Cova da Iria e, sobretudo, a Sua mensagem, é uma espécie de tempo de Advento, de preparação para a segunda e última vinda de Jesus, para a qual todos devemos preparar-nos com a realização dos ensinamentos da «mensagem» de Nossa Senhora: penitência e oração. A penitência, disse, é o trabalho, o esforço de cada homem para a realização plena do mundo, conforme a vontade de Deus, a preparação de um mundo onde reine a justiça, com um lugar de felicidade para cada um e para todos. A oração, unindo-nos com Deus e com o próximo, na caridade, levar-nos-á a conjugar todos esses esforços para que a última vinda do Senhor se verifique quanto antes: nisso reside a nossa felicidade e a nossa paz.

No fim da missa o bispo auxiliar de Leiria deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doen-

tes inscritos e a todos os peregrinos. As cerimónias terminaram com a procissão do «Adeus», reconduzindo a imagem de Nossa Senhora de Fátima à sua Capelinha.

HOMENAGEM À SERVITA D. MARIA CELESTE DA CÂMARA VASCONCELOS (ALVAIÁZERE)

Terminadas as cerimónias da peregrinação foi prestada homenagem à antiga chefe do grupo de senhoras da Pia União dos Servitas de Fátima. D. Maria Celeste da Câmara Vasconcelos (Alvaiázere) que desde 1926 prestou serviços distintos e abnegados aos peregrinos doentes de Fátima. A homenagem foi promovida pelos membros da Pia União dos Servitas e a ela se associou o senhor D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, que se fez representar por se encontrar ausente no estran-

Peregrinação
de 13 de Dezembro
de 1969



NOTÍCIAS DE FÁTIMA

geiro e enviando uma expressiva mensagem. D. Domingos de Pinho Brandão que já durante a celebração dos actos da peregrinação se havia referido à homenagem e pediria orações aos peregrinos pelas distinta homenageada, celebrou, na capela do hospital, uma missa pelas intenções da benemérita servita. Acolitaram o reitor do Santuário, mons. Antunes Borges e o director dos Servitas, padre Manuel dos Santos Craveiro. Assistiram mais de 150 membros da Pia União e muitos familiares de D. Maria Celeste (Alvaiázere). O celebrante ainda proferiu, durante a homilia, palavras congratulatórias pelo facto, implorando as bênçãos de Deus e de Nossa Senhora para a homenageada.

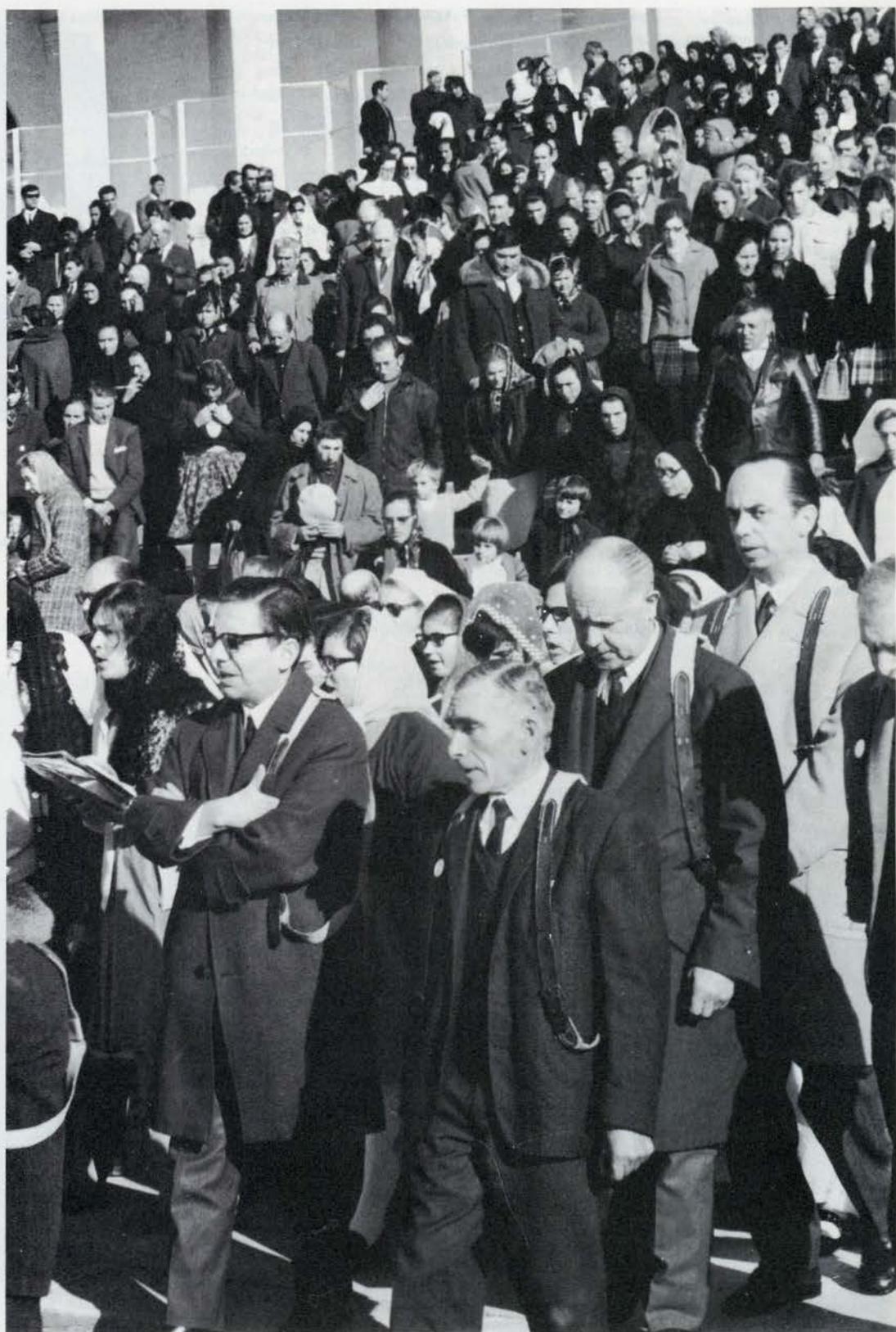
Num hotel de Fátima foi depois servido um almoço durante o qual foi lida a carta do senhor bispo de Leiria e foram trocados diversos brindes, salientando-se o discurso do reitor do Santuário, do chefe dos Servitas, sr. José Abreu, da sr.^a D.

Julietta Ribeiro de Carvalho, que falou em nome das senhoras e por fim o discurso de D. Domingos de Pinho Brandão. Foram recebidos e lidos inúmeros telegramas de servitas e amigos da homenageada que não puderam comparecer.



SUFRÁGIOS POR ALMA DE D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA

Na ocorrência de mais um aniversário da morte de D. José Alves Correia da Silva, antigo bispo de Leiria, cujos restos mortais se encontram depositados na capela-mor da Basílica, foi celebrada missa de sufrágio pela sua alma. Foi celebrante o reitor do Santuário, mons. Antunes Borges, que se referiu às qualidades excepcionais do grande primeiro bispo de Nossa Senhora de Fátima a quem se deve a aprovação do culto de Nossa Senhora sob esta invocação e o começo de todas as grandes obras do Santuário bem assim como a da mensagem de Nossa Senhora ao mundo inteiro. Assistiram todos quantos estão ligados à vida e serviço do Santuário e inúmeras pessoas de Fátima que não esquecem a figura e a alma do grande bispo.



Começamos a publicar o trabalho sobre Fátima, feito pelo rev. dr. Frederico José Peirone, membro ilustre do Instituto Missionário da Consolata e que durante vários anos esteve no nosso País onde frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, enquanto Pároco de Alenquer. Leccionou depois no Seminário das Missões, em Fátima, dedicando-se aos estudos islâmicos para o que visitou as comunidades islâmicas de Moçambique, estando também no Norte de África em busca de elementos para os mesmos estudos. Sobre Fátima, além de artigos em diversos jornais e revistas, publicou uma série de artigos por altura das comemorações do Cinquentenário das Aparições, na revista «La Madre di Dio» editada pela Sociedade de S. Paulo, de Roma. Presentemente o rev. dr. Peirone é professor de línguas islâmicas na Faculdade Teológica Interregional de Milão, na Itália.



FÁTIMA: NÓTULAS DE GEOGRAFIA HUMANA

Por FREDERICO PEIRONE

1 — RELEVO E SOLO

Quem assomou pelo menos uma vez em vida sobre o planalto cársico de Fátima, ficou sem dúvida com a impressão bem vincada de que se trata de um terreno mui acidentado, pertencendo todo ele à mesma unidade de relevo do «maciço calcário estremenho». A abundância de elevações determinou uma toponímia-lugar, e já bastante orientada ao nome de «cabeço», «cabeça». Temos, assim, na freguesia de Fátima:

Cabeça Alta, Cabeça da Eira, Cabeço do (Moinho) Mosqueiro, As Cabeças, Cabeço da Fasarga, Cabeço das Lombas Gordas, Cabeço da Giesteira.

Mas há outros topónimos que continuam mantendo implícita a ideia de elevação: Os Outeiros, Mato Alto (Ramila), etc.

A natureza das terras cársicas é pedregosa, calcária, com inúmeras camadas de fósseis da época secundária (mesozóica, triásica). Entre eles os mais comuns, que conseguimos recolher e identificar, são: o *Cerithium Giganteum*, da família dos *Gastropoides*; o *Pécton*, de concha bivalvular; o *Conchodon*, também da época secundária.

A terra é pouco funda, encontrando-se, como afirma o povo, «muita pedra fina e pedregulho bravo». As terras melhores não se encontram nos limites da freguesia, mas sim na «Charneca de S. Mamede», numa localidade designada por significativo topónimo: «Casal Farto», encostada à serra d'Aire. Para serem boas, essas terras deveriam ter areia com

«falgar salgado» (estrume). Haveria assim possibilidade de as fazer render muito mais. Em todo o caso encontram-se terras que rendem bem. Estão todas localizadas nos vales (segundo o conhecido princípio de Geografia Humana, da «economia da exploração do vale»), que são soalheiros, mas aos quais não falta uma certa percentagem de humidade que a encosta não tem, sendo, por isso, muito magra. Acresce ainda o impedimento fortíssimo de correntes eólicas prolongadas, às vezes dias e noites, sobretudo na época Janeiro-Abril, que tudo estragam nos altos e nas encostas, só se aproveitando delas os numerosos moinhos de vento.

Existindo assim tamanha quantidade de pedra, a única exploração mineira é constituída pela mesma, contando-se cerca de uma dúzia de pedreiras em toda a freguesia. O material é empregado em dois sentidos:

- para construções que não ultrapassam os limites da freguesia de Fátima (é o mais empregado);
- para exportação interna, às regiões de Torres Novas, Tomar, Chamusca, Porto de Mós e Alentejo.

Essa exportação segue a trajectória do comércio de gado ou de géneros que são também vendidos naquelas terras. A pedreira mais antiga da região, chamada «Pedreira Moimento» na Casa Velha, já funcionava em 1858, e forneceu muita pedra para a construção da Basilica da Cova da Iria.

Os acidentes de relevo muito dificultaram a criação de estradas em boas condições que ligassem

Fátima ao resto do mundo civilizado. A estrada actual que do Pinhel, a poucos quilómetros de Vila Nova de Ourém, sobe por São Sebastião e o Casal Novo até Fátima, foi construída, com fundo de pedra, entre 1905-1907. De Fátima-freguesia até ao lugar denominado «Vale de Ourém», que pertence à freguesia de S. Mamede mas que se encontra em direcção a Leiria, só existia um caminho que os velhos apelidam de «calcário», ou seja, uma vereda cortada de maneira irregular no fundo calcário do solo. O mesmo se pode afirmar da estrada que liga hoje Aljustrel à Cova da Iria: um caminho «calcário», devendo-se transitar por ali com carros puxados por muares, como aconteceu aos soldados que em 1912 foram fazer exercícios militares na região da baixa serra d'Aire, desde a Quinta do Caneiro (Vilar dos Prazeres) até S. Mamede.

A estrada Fátima-Vale de Ourém foi construída depois de 1915, ligando assim, de forma concreta e cómoda, os vales do Nabão e do Zêzere com o vale do Lis pela serra d'Aire. De Leiria até ao Vale de Ourém já existia uma estrada muito mais antiga que a de Pinhel-Fátima.

1 Os elementos expostos no presente estudo de Geografia Humana já haviam sido publicados, em forma mais resumida, em «Letras e Artes», suplemento dominical do jornal *Novidades*, Lisboa (XXIII), 1960, ns. 39, 40, 41, 42. Tinham sido elaborados em forma sistemática seguindo as indicações de Orlando Ribeiro, «Inquérito de Geografia Regional», 2.ª ed. aumentada, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1947. A publicação no *Novidades* tinha o título seguinte:

Fátima em 1931. Em primeiro plano uma estrada que passa junto da igreja paroquial que se vê ao fundo



«Inquérito de Geografia Regional acerca de Fátima» («Ensaio de Geografia Humana»). Nossos informadores tinham sido os Srs. António Joaquim de Oliveira, pequeno proprietário, da Ramila, que tinha então 66 anos, e Manuel Martins (já falecido), do Alveijar, que tinha então 64 anos e era sacristão da capela da Senhora da Ortiga, no território de Fátima.

Como pano de fundo, todavia, e devido à riqueza de pormenores quer de ordem geográfico-natural quer de ordem etnográfica, tivemos presente o substancioso livro de João de Marchi, **Era uma Senhora mais brilhante que o Sol**, publicado em inúmeras edições em Fátima a partir da primeira edição de 1944.

Alguns dos sublinhados (compreende-se facilmente quais são) são nossos e referem na íntegra, com as mesmas palavras vulgares, as saborosas declarações dos interlocutores.

2 A expressão foi consagrada, pela primeira vez, por Alfredo Fernandes Martins no seu poderoso trabalho **Maciço Calcário Estremenho** «contribuição para um estudo de geografia física», Coimbra Editora, Coimbra, 1947. Em seguida, o mesmo ilustre geógrafo publicou **Le Centre littoral et le massif calcaire de l'Estremadure**, Coimbra, 1949. Ao mesmo deve-se também a expressão de «Maciço calcário estremenho» (O adjectivo «cársico» deriva, por analogia, dos terrenos do planalto do Carso, na Istria, cujo estudo fornece valiosos elementos de comparação com os terrenos de Fátima. Cfr. sobretudo K. Moser, **Der Karts und seine Hohlen**, IV ed., Trieste, 1915).

3 Fizemos várias recolhas de materiais fósseis, também para efeitos didácticos aos nossos alunos do seminário das Missões de Fátima. Cfr., para identificação: G. Piersanti, **I molluschi e le conchiglie**, Milano, 1964; **Enciclopédia Luso-Brasileira**, Lisboa-Rio de Janeiro, vozes «**Cerithium**» «**Pécton**» «**Conchodon**».

4 As linhas gerais de Geografia Humana, no presente estudo, foram tiradas dos textos fundamentais da colecção «**Geographie Humaine**», Ed. Gallimard, Paris, e sobretudo dos seguintes trabalhos:

- Georges Hardy, **Géographie et colonisation**, Paris, 1958.
- Jules Blache, **L'homme et la montagne**, Paris, 1959.
- Pierre Lavedan, **Géographie des villes**, Paris, 1959.
- Pierre Deffontaines, **Géographies et religions**, Paris, 1966.
- Aristides de Amorim Girão, **Geografia Humana**, Portucalense Editora, Porto, 1946.

5 Temos um caso típico de **transhumância comercial**.

6 Arquivos da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém. Não tomámos nota, infelizmente, da numeração dos registos, nem o podemos fazer, hoje, tão longe. Disso pedimos desculpa aos leitores.

7 A Quinta do Caneiro, no tempo das aparições, era frequentemente visitada pelas crianças, que uma vez, até, encontraram nela abrigo. Era então ainda viva a proprietária, Sr.^a D. Rita de Pais de Faria (De Marchi, ob. cit., pág. 205, nota I, edição de 1946).

2 — CLIMA

As correntes eólicas, terríveis nesta região, sopram com certa frequência do Norte. O período mais intenso de ventanias é o período fim do Inverno—começo da Primavera (Janeiro-Abril), mas não só neste tempo; durante todo o ano, o vento é o inimigo número um da vida local. O povo chama-lhe simplesmente «o norte», ou também «vento barbeiro» (há, nessa denominação, influência do falar da vizinha Santa Catarina da Serra e de S. Mamede). Da serra vem o vento que traz a chuva; da Espanha vem o vento «suão» (comummente conhecido por este nome em todo o País), que é frio no Inverno e quentíssimo no Verão, com resultados prejudiciais à vida agrícola da região: «Dá cabo de tudo — afirmam os camponeses — queima o feijão, arde o feijão, faz «suar» as searas...»

A chuva cai com certa intensidade em Dezembro e Janeiro; em Fevereiro e Março também costuma cair, mas torrencialmente. As trovoadas vêm de nascente, com abundante granizo. Raríssima é a neve. Apareceu em 1906 e em 1956 (22 de Fevereiro), caindo durante três horas e depositando-se em fina camada que, misturada com água, desapareceu quase imediatamente.

A geada é muito frequente e abundante nos meses inverniais, Dezembro e Janeiro. Nesse tempo não produz estrago nenhum; só prejudica as culturas quando aparece em Março, e o caso não é infrequente.

O território da freguesia em geral é seco; mais frio para os lados de Fátima (planalto), mais quente para os lados do sul (a caminho de Ourém).

A sementeira é condicionada pelo clima. As sementeiras das principais culturas realizam-se seguindo um calendário bem determinado:

- a) trigo, aveia («Pão de seruga»), cereais em geral: meses de Novembro-Dezembro;
- b) batata, milho, feijão: Março-Abril, e até, mais raramente, em Maio;
- c) couve de corte, regada com pouca água, em Agosto.

Também as ceifas têm o seu calendário:

- a) em Maio: corte de feno;
- b) em Junho: corte de trigo;
- c) em Julho: colheita da batata e do milho;
- d) em Agosto: colheita do milho e do chicharo;
- e) também em Agosto: tirada da cortiça, onde houver;
- f) em Setembro-Outubro: vindimas;
- g) em Novembro: apanha da azeitona.

As datas acima apontadas correspondem às de muitos lugares limítrofes e, podemos dizer, à da maioria das zonas agrícolas de Portugal, não constituindo portanto nenhuma excepção particular.

Conseguimos recolher alguns ditados populares; mas, como desconhecemos o adagiário popular português, é possível que se não trate de ditados mas rítoes unicamente locais:

- a) «Quem debulha em Agosto, debulha contra o gosto.»
- b) «Em Abril vai a velha onde há-de ir e ao covil torna a vir» (o mês tem já dias quentes, mas não são de confiança, pode voltar o frio cortante).
- c) «Quem em Maio não merenda, aos finados se encomenda» (o mês é muito grande).

Não seriam, contudo, precisos rifões populares para dar a prova de que a freguesia de Fátima obedece essencialmente à «economia agrícola pastoril». Basta para isso apontarmos os topónimos dos lugares que pertencem à freguesia de Fátima: são quase todos condicionados a algum fenómeno rural:

Aljustrel, de derivação árabe, sem referência agrícola; Alveijar, de «alvejar»: na etimologia popular «o alvejar, a brancura do seu casario»;

Amoreira, nessa localidade abundam árvores da família das Moráceas;

Boleiros, de «boleiro», pela presença, na localidade, de grande número de cocheiros;

Carapeto, abunda aqui muita pereira brava;

Montelo, pela elevação do terreno correspondente ao lugar;

Pedrneira, justificado pela presença de pedreiras; Ramila;

Casa Velha, topónimo comum em todos os países de Europa, sobretudo em zonas ainda fortemente agrícolas;

Chã, porque a terra neste ponto é mais plana que em outras localidades da freguesia;

Cova de (Santa)Iria, localidade em que o terreno do planalto de Fátima sofre uma depressão, abatendo-se até formar uma cova, que a devoção popular dedicou à Santa Mártir de Santarém (é curioso apontar que no censo da população em Portugal de 1911, nem sequer se mencionava a localidade ...);

Currais, pela presença de muitos currais com gado; Eira da Pedra e Pedreira, pela presença de muita pedra;

Vale do Cavallo;

Gaiola;

Giesteira, assinalada pelas giestas que a enfeitam;

Lagoa, assinalada por algum depósito de água («algar»);

Lomba d'Égua, nome pitoresco de uma elevação próxima da Cova da Iria, em forma arredondada como lombo de um animal;

Maxieira;

Poço do Soudo;

Vale do Porto.

Os primeiros rebentos a aparecer são os da figueira, sempre no mês de Março. É raro aparecerem em Maio; isso acontece quando o Inverno foi extremamente frio.

As primeiras folhas são as da amendoeira, em Janeiro ou Fevereiro. A queda das folhas acontece em geral até fins de Outubro.

Sobre os outeiros que cercam Fátima encontram-se numerosos moinhos de vento. A gente está ligada às sólidas tradições da terra, e apesar de ter havido

muitas inovações técnicas ainda permanece viva uma certa desconfiança serrana para tudo o que é novidade e que não dá garantia de trabalho ou de resultado imediato. Contam-se pelo menos treze moinhos de vento em toda a freguesia. Dizia-nos o sr. Manuel Martins, na localidade da Ortiga, onde era moleiro e sacristão da capela local:

«O moinho que o senhor vê aqui deve ter pelo menos cem anos de idade. Não há gente viva que se «alembre» de o ter visto construir. O outro mais além é bastante novo ainda: foi construído em 1901; tem a data escrita no muro exterior.»

Os moinhos de hoje são todos de forma arredondada (diferentes portanto dos moinhos da Espanha, da Holanda, da Suíça alemã e da própria Alemanha do Norte, que têm uma forma mais alongada e esbelta), com três pernas para os poderem mexer ao sabor das correntes sempre variáveis na serra, com duas rodas, um eixo atrás e um pião no meio. Costumam moer todos os cereais: trigo, milho, aveia, quando for preciso, e até favas.

8 A respeito do vento, correm pelo menos dois ditados na terra:

«Vento suão, água na mão»;

«Vento e ventura, pouco dura».

9 Nesse dia houve companhias de turismo que organizaram viagens até Fátima para ver o insólito espectáculo.

10 Limitámo-nos a apontar a etimologia popular dos lugares, a qual, todavia, muitas vezes acerta, e fornece material de primeira mão para um estudo científico.

3 — HIDROGRAFIA

A terra é muito seca, faltando quase por completo os cursos de água dignos desse nome. Existem algumas ribeiras: a ribeira da Passadoura, a Ribeira da Fonte, a Ribeira dos Vales de Baixo, a que corre de Fátima ao Alveijar, sem hidrónimo peculiar.

Só são aproveitadas durante o Inverno, pois no Verão estão completamente secas. Não há nenhuma delas que leve água todo o ano. É a grande falta deste planalto, que muito contribuiu para o escasso desenvolvimento urbanístico da região em que se encontra o Santuário.

Algumas vezes — em Dezembro ou Janeiro — as ribeiras têm cheias; nesse caso estragam muito



HOTEL EURO SOL

RESTAURANTE PANORÂMICO
SNACK BAR

54 QUARTOS E SUITES COM :

BANHO · RÁDIO · TELEFONE · AQUECIMENTO

SALA DE CONFERÊNCIAS · BAR · BOITE · PISCINA · GARAGEM

LEIRIA · TEL. 24101



os cereais e o vinhedo, ou levam a terra. A única água que serve para a gente local é a dos poços (abundantes na região), e a das fontes, que caem em fragedos, fazendo pensar num ou noutro depósito calcário subterrâneo.

Muitas dessas fontes têm nome, tal qual acontece também no resto do País: fonte das Moitas, em que a água nunca acaba; fonte da Azinhaga, também abundantíssima. As nascentes que nunca secam são pelo menos sete.

Os poços têm a profundidade de 15/25 palmos (um palmo = 22 cm). No Inverno estão sempre cheios; no Verão, o nível deles é de tal modo diminuído que às vezes é preciso, para «acartar água», descer ao fundo por meio de uma escada e tirar a água com um balde.

Faltam por completo as lagoas («algares»); o que há são poças de água, mais ou menos naturais, aproveitadas para dar de beber ao gado. A única lagoa que existia em toda a freguesia, a lagoa Carreira, já na Cova da Iria, onde actualmente está a primeira rotunda da Cova da Iria, com o entroncamento de estradas para Minde-Santarém, Vilanova de Ourém-Tomar, Santuário, Batalha e Leiria. Essa lagoa está mencionada em todas as histórias das aparições de Fátima, era aqui que as crianças vinham beber para se sacrificarem pelos pecadores. A lagoa Carreira desapareceu quando o Plano de Urbanização dotou esse lugar de outras duas avenidas marginais, em 1950 e 1951.

Os poços dão água para o regadio, não havendo, contudo, regadio propriamente dito. Os instrumentos empregados para elevar a água são mais ou menos característicos de toda a região estremenha e de toda a Beira Litoral:

a picota, que na região de Fátima se chama «picoto» ou «trambola»;

a nora;

os alcatruzes.

Existe uma ou outra bomba hidráulica, mas já fora da freguesia, no local do Casal Farto (S. Mamede). Há também um moinho de água permanente e duas moagens a motor. Nas ribeiras pesca-se pouco, a truta e outros peixes da água doce. Mas pouca gente se dedica a isso.

11 A região de Fátima não se afasta do **habitat** hídrico das faixas pobres em água da zona mediterrânica. Poços de água, que servem também de padrões de referência viária, existem não só em Portugal, no Sul da Espanha, no Sul de Itália e nas ilhas da Sicília, Sardenha e Córsega, mas sobretudo na margem meridional do Mediterrâneo, Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egipto, estendendo-se até ao Médio Oriente.

É uma economia hídrica antiquíssima.

12 Lembramo-nos perfeitamente da lagoa Carreira. E lembramos que as mulheres da freguesia lá iam uma vez ou duas por semana lavar a roupa. Pena que essa lagoa tivesse desaparecido ...

13 Também os instrumentos empregados para elevar a água são antiquíssimos. De alguns deles, como da picota, existem gravuras da época babilónica. Com toda a probabilidade a picota e a nora (usada também na Sicília com o nome de **noría**) foram para aqui transportadas pelos Árabes, que as teriam recebido de povos de mais antiga civilização.

A fauna da região de Fátima reduz-se mais ou menos ao gado que se cria na terra. Os animais que se criam são, em ordem de importância decrescente: bois, muars, gado suíno, gado ovelhum (ovelhas e cabras).

O gado suíno vem do Alentejo para a engorda. O gado grosso (não há predominio de gado grosso ou de gado miúdo: cria-se igualmente um e outro) é criado por cada um dos habitantes nos pastos respectivos. Os suínos são criados geralmente nos currais e vendidos nos mercados de Vila Nova de Ourém ou nas seguintes feiras:

Feira de S. Mamede: nos dias 4 e 20 de cada mês (a feira é também conhecida pelo nome de «feira dos vinte»);

Feira de Ourém: na segunda e na quarta-feira de cada mês;

Feira da Eira da Pedra: no dia 15 de cada mês;

Feira dos Boleiros: no dia 10 de cada mês;

Feira dos Cardosos: no dia 16 de cada mês (a feira é também conhecida pelo nome de «feira dos dezasseis»).

Criam-se os porcos «à pia de pedra», dando-se-lhes para alimentação bagaço, couve, hortaliça e batatas. Quando são pequenos ainda alimentam-se de grão e de trigo. Pertencem todos a particulares (economia da «pequena propriedade rural e pastoril»). Uma vara de porcos pode ter de seis a sete rezes, mas quando criam podem chegar até aos vinte. Toda a gente tem o seu porquito no curral, tanto é verdade que correm na terra ditados como estes: «Fulano é tão miserável que nem sequer um porco tem.»

«Aquilo (de criar porcos) é o ganho de uma mulher» (é um trabalho que todos podem fazer).

Em virtude disso a carne suína tem muita importância na economia da alimentação regional. Todos matam o seu porco na altura do Natal ou do Ano Bom, como, aliás, em muitas partes de Portugal.

O gado miúdo cria-se em pastagens, e só nelas. Cabras e ovelhas criam-se no curral. Um rebanho costuma ter de 30 a 40 cabeças de gado; raro é o rebanho que tenha só umas vinte cabeças. Cabras e ovelhas nunca se misturam, formando rebanhos sempre diferentes. Esses rebanhos pertencem, em geral, a poucos donos. Os pastores são escolhidos na garotagem que abunda sempre em casa: fenómeno social, este, ainda muito palpante em toda a zona da Europa mediterrânica: vimo-lo praticado no Sul de Itália, no Sul de Espanha, em Marrocos, na Argélia, na Tunísia e na Líbia. A jorna é muito barata: os pastorinhos têm o comer e o vestir e pouco mais. Quando são maiores (17-20 anos), têm 40-50 escudos por mês, além da cama, mesa e roupa lavada. Mas, com o processo de industrialização do País, e com a elevada percentagem da emigração para a França, esse fenómeno social tende rapidamente a desaparecer.

No Verão, o gado dorme nos restolhos; no Inverno, nas serradas, onde lhe dão de comer. Os animais pastam sempre nas proximidades da povoação, todos os dias, com o seguinte horário, que é bastante respeitado: no Inverno, Primavera e Outono, das 9-10 horas da manhã até à noite; na Primavera, 2-3 horas de manhã e 2-3 horas de tarde, pois, como se diz aqui: «Dando o sol nas orelhas das ove-

lhas, já não comem mais.» As cabras, essas, são mais resistentes.

Os pastos da serra são quase todos públicos. Pastos particulares encontram-se em volta das fazendas; esses estão tapados com muros de pedra solta; neles só se pode entrar e pastar com licença do dono. Há também pastos comuns, em terras que não estão amanhadas ou tapadas.

Quando um rebanho se desloca, os animais que o compõem são de 40 a 50. Os pastores são um ou dois. Não se usam, em geral, cães de guarda, que ficam em casa.

O gado descansa de noite; de dia só vai ao curral durante o Verão. Mas também no Verão, se soprar vento do Norte, mais fresco, soltam-se outra vez as rezes para as aliviar.

Os abrigos para o gado são os currais com telhado e fechadura. Não há cabanas na terra. Os abrigos dos currais são permanentes, pois são construídos com pedra e telha. O único animal contra o qual se devem defender é a raposa: delas vêm-se, por vezes, magníficos exemplares, até de raposas brancas, passarem manhã cedo pelas estradas da terra.

O aproveitamento geral dos gados é para queijo de cabra, de ovelha e de vaca turina. Vende-se nas feiras de Torres Novas («queijo da serra») e em Fátima-Cova da Iria. A lã tira-se nos meses de Abril e Maio e é vendida às vizinhas fábricas de fição de Minde e Mira d'Aire. A lã não recebe em casa tratamento especial, mas vende-se assim, a peso.

Animais bravios e perigosos só a raposa. Não há recordação, nem sequer nas lendas, de lobos ou de javalis, como sucede em outras serras de Portugal e de Espanha. Abundam as perdizes.

Animais de capoeira criam-se muitos: galinhas, coelhos e perus. Vende-se tudo em Ourém. Há criação de abelhas, muito numerosas. O velho «cortiço» foi substituído por caixas de madeira, que não têm nome especial. O mel não se vende, mas serve a cada um dos apicultores.

Não existem terrenos coutados, não há caça digna desse nome, se exceptuarmos o coelho bravo (abundante) e a perdiz.

Fátima é abundante em terrenos incultos que poderiam ser cultivados mas que apresentam, para essa finalidade, uma dificuldade enorme. Na região surge a rocha por toda a parte, e mal deixa, entrar entre blocos enormes, uma réstea de terra, logo aproveitada. Muitas vezes a superfície arável é uma verdadeira criação do homem, que arranca as pedras, sustém o solo, esmaga a rocha, e transporta, por subidas ínvias, cestos de estrume e de terra.

Os terrenos são geralmente utilizados para mato, e algumas vezes para pasto. A charneca tem o nome singular de «estrumeira», ou de «baldio público», produzindo azinheiras, oliveiras e pinheiros. Entre as plantas que crescem espontaneamente nos matos, salientaremos:

tojo, a esteva (nas Lombas Gordas), o carrasco, a aroeira, o lentisco (chamam-lhe aqui «lentrisco»), o alecrim, o rosmaninho, o sargaço, a pimenteira (criada com o sargaço), o aderne, o languido (pau encarnado).

As matas vão desaparecendo. Já houve muito mais do que agora. As mesmas pertencem, regra geral, à Junta de Freguesia, que as explora em regime de baldio público, para as pessoas irem buscar lenha

A Cova da Iria em
13 de Janeiro de 1930



e os pastores levarem o gado a pastar nelas no Verão.

Em acabando a época das matas, os pastores «soltam o fogo para renovar o pasto».

As outras árvores criadas na região de Fátima — sobreiros e azinheiras — pertencem a particulares. A cortiça é tirada de sete em sete anos (ou de nove em nove) e é vendida aos comerciantes do Alentejo ou a particulares da freguesia.

O lugar escolhido para as pastagens é o chão dos montados. Pinhais há poucos; o maior pinhal da freguesia encontra-se a oeste, para os lados de S. Mamede, e pouco desenvolvimento teve até hoje. O eucalipto foi plantado apenas há uns sessenta anos e teve grande sucesso na terra porque se cria depressa e fornece grande quantidade de madeira e de lenha. Os pinheiros são muito utilizados para madeiramento e resina, coisa que aliás sucede em toda a orla oeste do Atlântico.

14 Essas feiras, como bem se pode imaginar, são de ordem geográfica essencialmente locais, interessando, quando muito, os incólas dos concelhos de Ourém, de Torres Novas e Tomar, do Porto de Mós e da Batalha. Não têm, na economia nacional, a importância que tem por exemplo a anual Feira da Golegã.

15 Para uma análise completa da vida dos pequenos pastores de gado, na região mediterrânica, cfr. o interessante trabalho de Ferdinand Duchêne, **Le berg d'Afkadou**, Paris, 1968.

16 Como se pode deduzir desta e de outras referências, Vila Nova de Ourém constitui desde há muito o principal foco de atracção do modesto comércio e da modesta indústria (pastoril) da serra vizinha. Podemos afirmar que, neste sentido, as povoações espalhadas nas encostas da serra d'Aire e na dos Candeeiros constituem de certo modo aldeias-satélites de Vila Nova de Ourém, no que toca à compra e à venda dos artigos e das mercadorias das necessidades quotidianas. Era assim no tempo das aparições, e continuou a ser assim durante muito tempo. Hoje os incólas de Fátima-Cova da Lria, com o seu carro quase todos, preferem dirigir-se à cidade de Leiria.

17 O mercado da cortiça sofreu uma baixa bastante grande (como o dos curtumes do vizinho concelho de Alcanena) com o aparecimento no mercado das matérias plásticas. Também os rurais da zona fatimita tiveram que sofrer dessa baixa.

5 — AGRICULTURA E SISTEMA DE CULTURA

A principal cultura da terra é a batata. Todas as casas têm um amplo batatal, que às vezes custa sueros. Depois há a cultura do trigo (pouco), da aveia, do milho, mas não tão abundante como na Beira Litoral. Para o lado oeste da freguesia, já em S. Mamede e em Santa Catarina da Serra, o aspecto dos milheirais é semelhante aos da Beira Litoral, sendo as condições do solo mais favoráveis. O rendimento da batata chega para o consumo. O rendimento do trigo também é bom: semeia-se um alqueire, colhem-se de oito a dez e, em certos casos, até vinte. O trigo falta para muita gente, mas há localidades que o vendem também; o já citado lugar do Casal Farto vende «muita carrada dele» para Tomar.

O abastecimento de trigo e de farinhas é feito pelos moleiros de Torres Novas, que vêm de propósito trazer farinha para cá. As sementes são da terra.

Não existem terrenos próprios para culturas especiais. A aridez da serra não permite nenhum campo experimental de culturas exóticas que não sejam as tradicionais.

Os cereais são criados nos mesmos terrenos: trigo, milho, centeio e cevada. Não há cultura de arroz em nenhuma parte da freguesia. O milho não serve para alimentação do homem e do gado. O milho painço cultiva-se pouco e serve unicamente para fabrico de vassouras.

Os grãos são moídos nos moinhos existentes na terra. O povo come pão de farinha de trigo e de farinha de milho.

A batata foi introduzida desde tempos recuados. Antigamente não havia tamanha abundância («Agora há por aí batatas que sei lá! Não rendem nada, e toca a dá-las ao gado. De Torres Novas vinham dantes buscá-las, mas agora já não vêm...»).

A árvore de fruto que mais abunda na região é a figueira que dá um aspecto mui característico à paisagem. Seguem-se: a macieira o pessegueiro a cerejeira e a noqueira.

O cultivo dessas árvores é relativamente recente, datando em geral de 1890-1900. Pouco abundante é a castanha, pelas condições pouco favoráveis do solo; encontra-se na parte sul da freguesia, chamada «Borda da Serra». A castanha serve habitualmente para alimentação do homem e do gado.

Uma forte receita para os incólas são os olivais. Quase toda a gente tem um pequeno olival, aninhado nas encostas abruptas. Têm aumentado muitíssimo, com novas plantações e com enxertos de velhos troncos. Pertencem todos a particulares, e a azeitona é «arrapinhada à mão» ou por meio de «paus baixos». Só é varejada nas oliveiras altas, que são poucas. Para fazer azeite servem-se comumente de lagares ou de prensas hidráulicas. Existem três prensas «de parafuso» em toda a freguesia. O azeite serve para usos domésticos; o que sobra vende-se aos armazenistas de Vila Nova de Ourém, Tomar e Torres Novas. Não se gasta senão um terço da produção total.

Já não se pode dizer o mesmo para a vinha, que escasseia na região. As vinhas têm aumentado bastante. Em geral é vinha baixa, mas há também «vinha latada» (em árvores). As operações que se praticam com a vinha são:

- a) a poda, de Janeiro a Março;
- b) a «empa», quando se ata a um pau, ou à árvore, no mês de Março;
- c) a «cavada», em Abril;
- d) a sulfatagem, que também começa no mês de Abril, se as chuvas o permitirem;
- e) a vindima, em Setembro-Outubro, e até mais tarde.

A uva espreme-se com prensas manuais. O vinho não chega para o consumo local, tendo-se de comprar nas adegas e nos armazenistas das vilas circunvizinhas.

O chão plantado de soutos, olivais, pomares e vinhas, tem associada a cultura do «pão seruga», ou seja, cevada, aveia, trigo, chicharo e grão-de-bico. Este uso pratica-se sempre, não apenas em épocas de crise alimentícia; amanha-se o olival e deita-se

sempre alguma coisa nele. É, contudo, um uso relativamente moderno.

Os terrenos de cultura têm aumentado muito. Conquistaram-se para a agricultura vales e cabeços (os acidentes geográficos mais comuns na freguesia.) A operação de romper pela primeira vez um terreno não tem nome especial. O terreno fica «roto», simplesmente.

Costume muito difundido na terra é o de se fazerem as queimadas no Verão. Chamam-lhes «borralheiros». Na Primavera arrancam-se as raízes: à operação chamam-lhe «escarda».

O animal de tipo empregado no trabalho dos campos é sobretudo o boi e a mula; os meios de trabalho são sobretudo o carro e o arado (antiquado ... mas como se pode trabalhar com o tractor em terreno tão pedregoso? Um ou outro tractor já apareceu, sobretudo no lado sul da freguesia).

A terra lavra-se indiferentemente com a enxada, com o arado ou com a charrua. Esta apareceu na freguesia por volta de 1930; é cómoda, pois puxa bem e cava fundo; veio substituir, em muitas partes, o velho arado romano.

Abundam os instrumentos de trabalho. Há mais enxadas do que animais e arados a charrua. Os mais abastados da terra costumam emprestar as suas alfaías agrícolas aos que não as possuem, ou então (e este é o caso mais frequente) estes últimos vão ganhar a jorna.

Muito usado é o estrume para adubo da terra. «É mato que se bota abaixo dos animais, depois junta-se para o monte e daí deita-se às terras.» Os adubos mais usados são os da Companhia União Fabril; apenas a partir de 1935 se começou a usar o adubo químico, o que deu como resultado grande aumento no rendimento das culturas e qualidade dos produtos.

A debulha faz-se por meio do mangual (pouco usado) e do trilho (na maioria dos casos). Em 1957 apareceram as primeiras máquinas de debulha.

Já não existem pousios. Pratica-se o «alqueive» e a «decrua». Usa-se o «afolhamento» com «regra meia»; para dar um exemplo: em 1958 semeou-se trigo; em 1959 semeou-se aveia, em 1960 legumes (chicharo) e em 1961 novamente trigo. Nenhuma obrigação há de seguir determinado afolhamento, reinando a mais completa liberdade para com o sistema que continua até hoje.

Os nomes que se dão a certas operações de agricultura são os comuns a todo o País: a ceifa, e a segada das ervas com a foíce. Não há culturas de regadio. No Verão cultivam-se a couve de corte e o repolho.

As eiras (de cimento e de areia; dantes eram de cal) são permanentes. A maior parte delas têm forma arredondada, poucas sendo as de forma quadrada. Em geral são particulares, e tudo se guarda ao pé da eira, levando-se para lá o trigo com o carro. Quem não tem eira pede-a emprestada. Não há edifícios para guardar as medas de palha; levantam-se ao pé das eiras.

18 Há já também quem se abasteça, sobretudo em Fátima-Cova da Iria, indo buscar pessoalmente a farinha. Criaram-se outras padarias, entre Fátima e Atouguia, que fornecem a região de pão e de farinha, além da que fornecem os padeiros locais.

19 Se não nos enganamos, o campo experimental mais perto de Fátima encontra-se nos arredores das Caldas da Rainha.

PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FATIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima.

Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FATIMA-50",

Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA-50"

Fatima - Portugal

En vente... l'édition Française de cet album commémoratif du pèlerinage de Paul VI à Fatima.

Adressez vos demandes à "FATIMA-50"
Fatima - Portugal

20 Compra-se vinho branco, fortemente graduado, sobretudo em Tomar. Mas não falta, nas tabernas e nas casas, o «carrascão» tinto, do Cartaxo e de Bombarral.

6 — PROPRIEDADE E EXPLORAÇÃO

Existem muitos terrenos baldios, pertença da Junta de Freguesia ou da Câmara de Vila Nova de Ourém. São aproveitados para mato, para lenha e para plantação de oliveiras. Os incolos tinham-se apropriado deles antigamente com uma cerca de pedra solta; hoje, quem os quiser tem que pagar um foro à Junta de Freguesia. O seu aproveitamento melhorou sem dúvida, quase de 100 %, sobretudo com a plantação de pinhais e com a construção de casas também.

Os proprietários das casas da povoação são todas pessoas que nelas habitam, e que têm terras também nas freguesias de S. Mamede, da Atouguia e Santa Catarina da Serra. Quase todos são pequenos proprietários e é a pequena propriedade que prevalece na divisão da terra. Quase ninguém paga a renda de casa; esse fenómeno tipicamente urbano verifica-se tão-somente na Cova da Iria, e é já um fenómeno social condicionado pelas Aparições. Não existem sequer casos de com-propriedade, a não ser para certos oliveiros; mas o fenómeno tende a desaparecer, por estar fora de moda. A propriedade tende a fraccionar-se cada vez mais, parcelando-se entre os herdeiros da família: cada filho tem direito a uma parte da terra dos pais. Naturalmente as terras são muito bem cuidadas, apesar de, pela sua estrutura geológica, terem pouco valor. As terras exploram-se sobretudo com o trabalho contínuo, exaustivo, medonho. Existe o tipo de arrendamento, ou seja, de aluguer duma terra a troco de quantia certa, paga em dinheiro ou géneros, mas não falta o tipo de parceria, ou seja, o aluguer duma terra mediante percentagem nos produtos da colheita: em Fátima a percentagem é de um quinto, um quarto ou um terço, nunca da metade.

O aforamento apenas existe no que respeita a Câmara de Vila Nova de Ourém, para terrenos baldios, como já foi dito, ou a Junta da Freguesia.

As terras estão divididas com paredes de pedra solta e com marcos que são antiquíssimos. Em determinadas terras, sobretudo nos cabeços, já se não amanhava desde há muito tempo e ainda existiam os marcos. Os campos fecham-se para indicar a pertença a particulares e para os defenderem do gado. Os campos têm formas absolutamente irregulares. Existem culturas de ladeiras (socalcos), mas são poucas. As parcelas, consoante a sua extensão, culturas a que se destinam, forma, etc., denominam-se «canteiros» e «talhos».

São homens e mulheres quem trabalha os campos, indiferentemente, e também crianças a partir dos doze anos. Gente de fora não vem para os trabalhos locais; daqui vai muita gente a Ourém e à Golegã, para amanhara as fangas do Tejo e tomar conta do milho até que vá ao celeiro.

O gado de lavoura é muito abundante: quase toda a gente tem bois pequenos. Quem os não tiver, aluga-os.

21 É muito típico desta terra, mas não só da região de Fátima, como também das vizinhas regiões,

até Leiria, ou Santarém, o uso de os filhos que herdaram uma parte da terra dos pais quererem construir nela uma casinha, de andar térreo ou com primeiro andar, antes de pensar em se casarem. Muitos rapazes levam o namoro até à altura de poderem apresentar a casa em que irão viver, muitas vezes construída pelo próprio noivo.

22 Com o aumento obrigatório do período escolar, e com a mais intensa escolarização do País, são cada vez menos as crianças que trabalham no campo, pelo menos durante o ano lectivo. Se por um lado a modesta economia agrícola vem a sofrer (mas será bem assim?), com o aumento do património cultural o povo tudo tem a ganhar.

COVINA

CHAPA DE VIDRO

COMUM	PÁRA-BRISAS (planos e curvos)
FOSCO	ISOLUX
GIVRADO	ARAMADO
IMPRESSO [branco e de cor]	VIDRO ROCOLOR OPACO COLORIDO
INESTILHAÇÁVEL	VIDRO MURROLUX*
TEMPERADO «ROCHEDO»	MOSAICOS DE VIDRO
PORTAS E INSTALAÇÕES	FIBRAS DE VIDRO

Qualidade superior e preços idênticos aos dos melhores produtos congêneres em condições de abastecer 100 % o mercado nacional

COVINA

Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.

FÁBRICAS: { SANTA IRIA DA AZOIA
PÓVOA DE SANTA IRIA
MARINHA GRANDE
Telefs. 259 024 (9 linhas)

ESCRITÓRIOS EM LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 192
Telefones 56 20 31 (11 linhas)



Cafés SICAL

O "MILAGRE DO SOL" EM FÁTIMA

POR MOTIVOS ALHEIOS À NOSSA VONTADE SÓ AGORA NOS É POSSÍVEL PUBLICAR ESTA INTERESSANTE CARTA QUE O SR. J. PINTO DOS SANTOS ENVIOU AO NOSSO DIRECTOR.

Lisboa, 16 de Julho de 1969

Revdm. senhor

Cón. dr. José Galamba de Oliveira

FÁTIMA

Ao ler a previsão de que a revista Time se fez eco em 23 de Maio passado, sobre a evolução do Sol, como estrela, veio-me à lembrança o relato que do «fenómeno solar» de 13 de Outubro de 1917, nos deixou o Dr. Almeida Garrett. Diz o Time:

«Although astronomers admit that they are still novices at short-range solar prediction, they can issue one long-range forecast with some certainty. About 5 billion years from now, they calculate, the sun will have used up the hydrogen fuel in its core. It will then begin burning hydrogen in its outer layers and gradually expand — perhaps to 100 times its present size — turning into a giant red globe that will fill most of the sky when seen from earth. Unfortunately, man will not be around to see this

spectacular view. The expanding sun will boil away the oceans, melt rock and heat the earth's surface to 4,000 degrees F. It will leave man's dwelling place a lifeless inferno».

que eu traduzo:

«Embora se reconheçam ainda noviços na arte da previsão solar a curto prazo, os astrónomos podem fazer com certa segurança uma previsão a longo prazo.

Dentro de cerca de 5 biliões de anos, calculam eles, o Sol terá gasto todo o hidrogénio combustível no seu centro. Começará então a queimar hidrogénio nas suas camadas exteriores e expandir-se-á gradualmente — talvez até 100 vezes o seu tamanho actual — transformando-se num gigantesco globo vermelho que encherá a maior parte do céu quando olhado da Terra. Infelizmente, não estará já por aqui o homem para contemplar esta vista espectacular. O Sol em expansão terá evaporado os oceanos, derretido a rocha e aquecido a superfície da Terra até 4000 F, deixando o lugar de habitação do homem num inferno sem vida.»

Diz o Sr. Dr. Almeida Garrett :

«De repente ouvi-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O Sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e, sanguíneo, avança sobre a terra, ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.»

A coincidência manifesta despertou-me o desejo de conhecer a descrição que, sobre este mesmo fenómeno, haviam dado outras testemunhas.

Desta sorte vim a conhecer a notável obra que V. Rev.^ª tem publicado sobre a matéria.

Pude em Fátima — as Suas Provas e os Seus Problemas, conhecer as interessantes considerações do Prof. PIO SCATIZZI; e em O Milagre do Sol e o Segredo de Fátima achar a oportuna crítica ao estudo do Prof. Pacheco de Amorim «O Fenómeno Solar de 13 de Outubro de 1917».

Julguei poder encontrar na nossa Biblioteca Nacional toda a documentação de interesse que sobre Fátima se tem publicado. Com grande espanto meu, fui informado de que a obra do Prof. Pio Scatizzi não existe lá. Felizmente para mim, ela estava traduzida em «Fátima — as Suas Provas e os Seus Problemas», na parte que precisamente me ocupava de momento: o fenómeno solar.

Embora as descrições que pude conhecer desse fenómeno e das reacções das pessoas que o presenciaram nada acrescentem à do Sr. Dr. Almeida Garrett, no aspecto particular em questão, (o Sr. Dr. Pinto Coelho diz, por exemplo, que «[o sol por vezes, aparentava] destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor ...»), parece-me poder-se concluir que elas confirmam, melhor ou pior, aquele movimento do sol que dava a sensação de se precipitar, quente e grande, sobre a terra. E, embora a previsão que o Time divulgou não se possa dizer que seja tão recente como o número do Time que a inseriu, ela é certamente muito posterior a 13 de Outubro de 1917.

Daqui, sentir-me eu tentado a propor como demonstrada a seguinte tese:

O fenómeno solar que teve lugar em Fátima a 13 de Outubro de 1917, predito pelos pequenos videntes, com três meses de antecedência, como milagre que Nossa Senhora faria para que todos acreditassem, contém, entre outros elementos, uma verdadeira visão antecipada do «fim do mundo», que corresponde e se antecipa de alguns anos à previsão feita pelos sábios.

Mas ... que dirão a isto os sábios?

De V. Rev.^ª

J. Pinto dos Santos

Anexa: Cópia de uma carta ao editor do Time, e texto que a motivou.

8 th July 1969

Time, New York

The Editor

Sir:

Astronomers' description of the changes in man's dwelling place «about 5 billion years from now», in Time's article **The Prodigal Sun** (May, 23), reminds me of the account given on certain aspects taken by the Sun as seen by some of the people presents at Fatima on the 13th October, 1917. I quote (and translate for your benefit) from the report of Dr. Almeida Garrett as published in COSTA BROCHADO, «Fátima à Luz da História», Lisboa, Portugália Editora, 1948, pág. 302: «De repente ouvi-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O Sol, conservando a celeridade da sua rotação destaca-se do firmamento e, sanguíneo, avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.» (Suddenly, one hears a cry, like an anguished scream from all those people. The Sun keeping the haste of its spin, (appears to) come off the sky and to advance over the Earth as a big red glowing millstone ready to crush us. This was a terrific, dreadful feeling that lasted some seconds.) Some scientists searched have for an explanation of those phenomena, natural or otherwise, but did not arrive at a common conclusion [see Pio Scatizzi — «Fátima all'analisi della Fede e della Scienza»; see also Pacheco de Amorim — «O Fenómeno Solar de 13 de Outubro de 1917» in «O Instituto» (Coimbra, Portugal) n.º 122, 1961. Pio Scatizzi, membre of the Pontifical Academy «dei Lincei», of the «Italian Astronomical Society» and of the «Italian Geographical Society», lectured on Calculus and Astronomy at the Gregorian University of Rome. Dr. D. Pacheco de Amorim was Professor at the University of Coimbra, Portugal].

These scientists did not know, I presume, of the astronomers' forecast in Time's article or did not associate with it the same high degree of certainty that Time does. If they did, I wonder, would they conclude with Einstein that «time was suspect»?

J. PINTO DOS SANTOS

See R. S. SHAKLAND, Conversations with Albeart Einstein in Am. J. Phys., January 1963, p. 47 (Quoted from RESNICK — «Introduction to Special Relativity» — New York, John Wiley, 1968).



Aspectos da estadia em Lourenço Marques, da equipa do Exército Azul que levou imagens de Nossa Senhora de Fátima a várias capitais africanas.



